

REDEFINIÇÕES TERRITORIAIS A PARTIR DE UM ESTUDO DE CASO COM RIBEIRINHOS DO MUNICÍPIO DE BABAÇULÂNDIA-TO

Rosangela Ferreira da Rocha Sá

Licenciada em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins
Pós-Graduada em Desenvolvimento Regional e Urbano.
rmvvpv2020@hotmail.com

Eliseu Pereira de Brito

Mestre em Geografia pela Universidade Federal da Grande Dourados
Professor do Curso de Geografia da Universidade Federal do Tocantins.
pereiradebrito@gmail.com

RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar as (re) definições territoriais a partir de um estudo de caso com ribeirinhos do município de Babaçulândia-TO, fomentando uma discussão da problemática territorial em torno da migração, enfocando os processos de desterritorialização e reterritorialização. Para tal análise utilizou-se como embasamento teórico os trabalhos de Hesbaert (2006) Goettert (2007), Saquet (2008) e Mondardo (2009) dentre outros. Entretanto, nesta pesquisa incumbiu o método dialético e estudo do território a partir de identificação do contexto que retirou a comunidade da beira do rio e a partir de entrevistas com a população, para entender as redes imateriais geradas, Sentimento de pertencimento, identidade, etc.. E então compreender o processo de redefinição territorial em Babaculândia a partir do território conceitual. No entanto, deseja-se argumentar que a saída dos ribeirinhos dos seus territórios existentes às margens do Rio Tocantins que culminou com a reterritorialização dos mesmos na cidade de Babaçulândia-To, promoveu um modo de vida emaranhado e não amoldável ao estilo de vida deles vivido antes da desterritorialização, conforme buscou-se confirmar nesta pesquisa, de maneira a deixar claro tais argumentos.

Palavras-chave: Território. Migração. Ribeirinho.

TERRITORIAL RESETS FROM A CASE STUDY WITH RIPARIANS IN THE TOWN OF BABAÇULÂNDIA, TO

ABSTRACT

This article aims to analyze the territorial resets from a case study with riparians in the town of Babaçulândia, TO, promoting a discussion of territorial issues about migration and focusing on the deterritorialization and reterritorialization processes. It was used as a kind of theoretical for this analysis the Hesbaert's (2006) Goettert's (2007), Saquet's (2008) and Mondardo's works (2009), among others. However, this research instructed the dialectical method and study of territory from identifying the context that pulled the community off the riverside and from interviews with people to understand the intangible networks generated about feeling of belonging, identity, etc... And then, we understand

the process of territorial redefining in Babaçulândia from conceptual territory. In the meantime, we must to argue that the riparians pull off from their existing territories at Tocantins Riverside has culminated to their reterritorialization in the town of Babaçulândia, TO, and it has promoted a tangled lifestyle and not conformable to their style lived before deterritorialization, as we looked for confirming on this research, in order to make clear such arguments.

Keywords: Territory. Migration. Riparians.

INTRODUÇÃO

O território usado é uma dialética do “espaço da modernidade incompleta”, citada por Milton Santos em algumas de suas obras, uma vez que, seu uso frequente e desacelerado tem provocado várias mudanças em função das relações sociais.

No entanto, um estudo sobre a migração a partir da construção e desconstrução de territórios de origem e destino, da memória e da identidade do migrante, remete ao um entendimento de que as mudanças fizeram parte tanto do migrante como dos não migrantes, e que essa dialética territorial é inerente a ambos, sendo que, os lugares passaram a apresentar novas relações.

Considerando que a migração sempre esteve presente na ocupação do território, é perceptível o rompimento entre os lugares, uma vez que, esse rompimento não se dá de forma individual, pois é em grupo que acontece o desfazer das territorialidades.

Nesse sentido, o presente trabalho buscou evidenciar a transformação territorial a partir dos processos de des-territorialização e re-territorialização, levando em consideração a identidade do migrante com o seu lugar de concretização da vida. E neste entremeio analisar a comunidade ribeirinha, que residia às margens do rio Tocantins antes da construção da UHE(Usina Hidrelétrica de Estreito-MA. Para tanto,utilizou-se da metodologia da história oral e algumas leituras referentes ao tema proposto bem como estudo a campo, facilitando o andamento da pesquisa. A proposta deste trabalho parte das idéias defendidas por Haesbaert (2006, p.237), referentes à des-territorialização, que segundo ele, “diz respeito à crescente mobilidade das pessoas, seja como “novos nômades”, “vagabundos”, viajantes, turistas, imigrantes, [...]. Estes para Haesbaert (2006, p.238) “é parcela integrante ou que está em busca de integração numa (pós) modernidade marcada pela flexibilização e precarização das relações.

Esta pesquisa foi realizada na cidade de Babaçulândia, no Estado do Tocantins, antigo norte de Goiás, em que por intermédio deste estudo fez-se uma análise sobre a migração e sua íntima ligação com os processos de desterritorialização e reterritorialização, buscando identificar a relação do ribeirinho com rio.

Com a implantação da Usina Hidrelétrica de Estreito, os ribeirinhos tiveram que sair de imediato, deixando para trás toda uma trajetória de lutas e sonhos que em pouco tempo se transformaram em utopia, ou seja, restou apenas o desejo do retorno daquela antiga vida antes de sair da beira do rio a qual ficará na memória ribeirinha, uma vez que, sua saída do território, desfez laços afetivos, tendo o rio como a perda de maior significado na vida. Essa migração “forçada” provocou várias modificações nas vidas dessas pessoas, ocasionando assim uma nova formação de identidades, pois tiveram que se readaptar em outra localidade.

Contudo, o interesse em desenvolver a pesquisa, partiu da indagação em pesquisar como será a vida dos ribeirinhos após essa des-territorialização do local de origem (à margem do rio Tocantins) que teve como consequência a re-territorialização deles no espaço urbano de Babaçulândia-TO.

Este estudo se encontra dividido três capítulos. No primeiro, tratamos de uma discussão conceitual a respeito do território e da migração, procurando compreender o rio enquanto território constituído e a saída do rio enquanto processo desterritorializador. No segundo capítulo, buscamos identificar a relação da comunidade ribeirinha com rio enquanto referência identitária por meio da fala dos próprios ribeirinhos. Por fim, discutimos as redefinições

territoriais de ribeirinhos da cidade de Babaçulândia-To, enfatizando o processo de re-territorialização e a situação social da comunidade após a reconstrução do novo território.

1. TERRITÓRIO CONCEITUAL E MIGRAÇÃO

Em todo mundo se ouve falar em migração, no caso brasileiro não é diferente, pois sabemos que o Brasil foi intensamente marcado pela mobilidade espacial, iniciando-se pela colonização portuguesa e posteriormente a migração de outros povos como os japoneses, italianos, dentre outros. A partir dessa migração houve uma organização territorial, em que essas comunidades começaram a se relacionar num dado espaço, ocasionando uma interação étnica e cultural. Para Goettert (2007, s/n) a migração, é como um “fato social completo” tecida de relações entre pessoas e lugares: lugares de partida e de chegada, pessoas que partiram e que ficaram.

De acordo com Haesbaert (2006), para compreendermos os processos migratórios é preciso pensar no território em forma de rede, pois a rede se constitui tanto pelas relações imateriais quanto naquela produzida pela memória dos migrantes. Assim, a rede é parte do território e se faz presente no momento da migração, que ocorre por meio dos processos de desterritorialização e de reterritorialização. A des-territorialização é entendida como a saída do lugar e a re-territorialização como a chegada, processos responsáveis pela rede de relações sociais e também parte fundamental no processo migratório, assim:

Na mobilidade, as relações são construídas entre os territórios de origem e de destino, e são acionadas, buriladas e mantidas pelos vínculos e contatos tecidos e construídos entre migrantes e não-migrantes através de uma interação em rede. As relações agenciam a trama de forças que produzem os territórios e as redes na migração. (SAQUET; MONDARDO, 2008, p.119).

Por isso não podemos compreender o território isolado da mobilidade e das redes, estas “podem fazer circular a memória, as representações, os vínculos, os contatos familiares, as amizades etc” (HAESBAERT *apud* SAQUET; MONDARDO, 2008, p.119). Portanto, sem as redes a dinâmica territorial no contexto migratório não existiria.

No contexto dos movimentos migratórios, principalmente no século XX destacaram-se a migrações nordestinas, pois houve uma intensa mobilidade populacional partindo da região nordeste rumo a outras regiões do país em consequência da seca. O Norte Goiano foi alvo de um intenso processo de ocupação, por isso, nessa época houve um “grande aumento populacional nessa região” (CHAVES, 2009, 27).

De acordo com Haesbaert (2006, p. 247), “os migrantes migram para encontrar terras que possam utilizar (dimensão econômico-funcional do território) e através das quais possam reconstruir ou manifestar sua identidade cultural (dimensão simbólica ou expressiva do território)”. Porém, em virtude das dificuldades causadas pela seca a população nordestina iniciou o processo migratório à procura de condições de existência, ou seja, trabalho e moradia.

Analisando especificamente o processo de ocupação do norte goiano, podemos afirmar que os locais escolhidos pelos migrantes nordestinos para se alojarem na região foram cidades às margens da Rodovia Belém-Brasília e às margens dos rios Tocantins e Araguaia; a esse respeito Arbvés (2004) afirma:

Por onde andamos certamente vamos nos deparar com grupos oriundos do Nordeste, Sudeste ou Sul [...]. O processo modernizador que atinge o Norte Goiano, que após viver isolado passa a ser tocado deserto pelo capital, favoreceu, principalmente, a faixa compreendida entre a BR-153 e o Vale do Araguaia [...]. Como se observa, a conjuntura do Norte Goiano, nas últimas décadas, foi marcada por mudanças estruturais abrindo espaço para o processo dito modernizador, que teve como ápice a migração [...]. (ARBVÉS, 2004, p. 395).

Nesse contexto as migrações foram se dissipando pelo país e se tornando elemento fundamental e essencial na formação do território brasileiro, por isso, revelam a capacidade de criar novas territorialidades por meio da miscigenação de populações migrantes, “se formos a fundo às origens históricas, descobriremos que somos todos migrantes ou descendentes de migrantes” (MARINUCCI, 2002 p.01). Contudo, “o “migrante” é, na verdade, um somatório das

mais diversas condições sociais e identidades étnico-culturais”. (HAESBAERT, 2006, 249), e principalmente da extensão social.

As migrações externas comprovam essa afirmação, uma vez que o Brasil sendo um país colonizado pelos europeus e posteriormente tendo recebido imigrantes poloneses, franceses, holandeses dentre outros povos vindos do exterior, podemos sim nos considerar migrantes ou descendentes de migrantes.

1.1 “Uma viagem pra cá garimpá”

Segundo BOSI (1987), “as memórias” são construídas na relação em sociedade, compreendidas como “fenômeno social”. Nesse sentido trabalha-se a memória de migrantes por meio de seus relatos e de leituras referentes à migração para compreender o processo migratório e sua íntima ligação com as construções e desconstruções dos territórios formados na mobilidade. Desse modo a migração segundo Mondardo (2009, p.06) “implica a “perda do território”, implica as decisões relativas ao deslocamento, as condições de “deslocalização”, que implica perda de amigos, de relações, de “lugares”, etc”.

O importante é ouvir histórias desses migrantes que deixaram sua terra natal e partiram em busca de novos horizontes rumo à terra de destino. Sabemos que ao contar suas histórias de vidas pretéritas a quem quer que seja ou, a quem queira ouvi-los, envolve sua migração e as lembranças da família e dos amigos daquele tempo que hoje só existe na memória, pois:

O migrante parte de seu território, pedaço querido de que tem que se desgarrar e vai deixando pelo caminho fragmentos de sua vida, de suas experiências anteriores. Na poeira da estrada que percorre, vai deixando detritos de sua alma, de sua cultura, de sua memória. (MONDARDO, 2009, p.01).

“O tempo passou tão rápido”, relembra seu Custódio um senhor de 74 anos, e esposo de Dona Osvaldina, sua migração para o Norte ainda menino passou de relance as lembranças daquela viagem sofrida:

Meu pai mais meu avô, vieram, uma viagem pra cá garimpá e passaram por Babaçulândia, e acharam o lugar bom demais pra morar, aí voltaram pro Maranhão e foram só vendendo os trem. Meu avô vendeu a fazenda de gado que ele tinha. Ele endoidou pra vir pra cá porque lá era seco, mas nós gostávamos mesmo era de lá, tinha toda a nossa família, os cuincidos, mais aí eles chegaram aqui viu muita água, acharam muito bonito o lugar, aí o jeito foi vim de lá pra cá tombando (risos). Passamos 30 dias caminhando de pé, nesse tempo num tinha carro, nós botamos as cargas no jumento e aí caminhamos de pé. Eu vinha em cima do jumento montado bem no meio da carga, eu tinha sete anos. Nossa mãe só tinha eu e outro irmão. Nesse tempo veio a família da minha mãe, a família do meu avô, a do meu padrim, veio umas cinco a seis famílias, tudo de lá de São Felix do Balsas, hoje eles já morreram tudo, só tem nós vivos. (CUSTÓDIO, 2011).

A figura do pai e do avô representa o contexto da vinda de toda a família para o Norte; era a primeira vez que o menino de sete anos saía do lugar onde nascera. A respeito da migração, a mãe e os irmãos não tinham o direito de opinar, a viagem fora decidida pelo pai e pelo avô, não havia mais o que fazer, “o jeito foi vim de lá pra cá tombando” (CUSTÓDIO, 2011).

Na fala de seu Custódio percebemos quanto foi o sofrimento enfrentado por ele e a família para chegar ao lugar de destino, mesmo enfrentando o cansaço da longa viagem o pai levou sua decisão de migrar até o fim. Assim, podemos perceber que no século XX o poder paterno sobre a família ainda era muito forte. A figura paterna segundo Goettert (2008),

[...] possibilita a inferência de que o “menino” – e a menina (ou os meninos e as meninas) – teve – mas ainda hodiernamente tem – importância menor ou mesmo nenhuma na decisão de migrar. Isto quer dizer que a decisão foi e é, em última instância, dos adultos [...]. (GOETTERT, 2008, p. 103).

A presença da figura paterna naquela época era de suma importância para a família, pois o pai tinha o papel de provedor e a mãe de educadora do lar. Na fala do seu Custódio “[...]. Ele endoidou pra vir pra cá porque lá era seco. [...]”, a referência do pai como o único a tomar a decisão de migrar é bem clara. Para Goettert (2008),

[...], Na construção de quem lembra e de quem fala está colocado também o poder de direção e de condução, expressa aqui no quem leva e no quem traz. Assim, para ‘o migrante é o pai’ o condutor e o direcionador daquela que foi, quando ainda menino, sua primeira migração [...]. (GOETTERT, 2008, p.04).

“Uma viagem pra cá garimpá” traz à tona lembranças de um passado marcado pela seca do Nordeste na década de 1940, motivo pelo qual trouxe o menino Custódio e sua família para Estado do Tocantins, sem saber o menino estava participando de uma migração fixa e que nunca mais voltaria ao lugar deixado. Por isso:

[...] aproximamo-nos de Pierre Bourdieu quando destaca que a separação – pela migração – não se dá sem sofrimentos, pois se produz a partir de “pessoas deslocadas”, “privadas de um lugar apropriado no espaço social e de lugar marcado nas classificações sociais [...]” (GOETTERT, 2008, p.47).

O sofrimento é maior porque o lugar não lhes dá condições de sobreviver, mas sempre haverá território, o do “cotidiano”, “aquele da origem que carrega o simbolismo do território que ficou e que se constituiu numa rocha de” “cimento comunitário”, onde sem essa base “a rede não poderia existir e carregar sua memória, seus vínculos e contatos” (HAESBAERT, 2006). Nessa perspectiva,

O ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro. Participação natural, isto é, que vem automaticamente do lugar, do nascimento, da profissão, do ambiente. (BEIRO [20-] s/n).

Buscar as lembranças do território deixado e reviver a viagem rumo ao novo lugar por meio da memória é uma tarefa árdua, porém prazerosa, pois nas nossas conversas observamos as alegrias estampadas nas faces enrugadas dos migrantes causadas pelo tempo, um tempo que ficou registrado na memória de seu Custódio lembrando sua infância travessa:

Nós viemo aqui aculá montado no meio da carga, aí o jumento foi passar debaixo dum pau aí eu me agarrei no pau e fiquei empindurado, aí minha mãe indoidou e ficou de baixo pedindo pra mim me soltar pra ela sigurar, até que eu sair de lá, eu era terrívi (risos). (CUSTÓDIO, 2011).

A memória do seu Custódio resgatou um passado sofrido, mas junto ao sofrimento vieram as doces lembranças de um menino “terrívi”! Como relatou o mesmo suas travessuras durante a viagem, no entanto, ele volta à realidade: “a gente quando nasce num sabe do jeito que morre tão forte que eu era e hoje vivo nessa situação”. (CUSTÓDIO, 2011). Ele se referia as doenças que chegaram com a velhice.

Na fala de seu Custódio não é mencionado o território explícito, mas percebe-se o amor pela terra e pelas amizades deixadas. Em, [...] “nós gostava mermo era de lá, tinha toda a nossa famia, os cuincidos, [...]” (CUSTÓDIO, 2011), podemos entender melhor o sentimento pelo lugar de origem, para ele o conceito de território resume-se na simbologia, esta que se coloca como uma possibilidade de retorno ao lugar deixado.

1.1.2 “Quando nós chegemo no Garrancho”

A vinda desses migrantes pra região de Babaçulândia acarretou a desconstrução de um território e a reconstrução de outro, pois no novo lugar possibilitou a formação de novas territorialidades, provocando uma miscigenação étnica e cultural, nesse sentido o território se reconfigura nas relações entre os sujeitos migrantes e não migrantes.

Baseada nos estudos de Haesbaert (2009) a construção e a desconstrução de territórios ocorrem por meio das migrações por isso, são processos contínuos. Portanto:

Com movimentos migratórios sucessivos, os rompimentos com os lugares de origem foram inevitáveis. A intensidade das relações entre migrantes e sua origem, no tempo, sofreu reveses, desgastes – um processo, mesmo que lento e gradual, que mitigou os envolvimento, o enraizamento e, portanto, a relação com o passado e com os lugares desse passado, em especial para as gerações mais novas. (GOETTERT, 2008, p.41).

A carga simbólica que isso representa está basicamente relacionada à identidade territorial. Assim:

[...] o território não se definia por um princípio material de apropriação, mas por um princípio cultural de identificação, ou, se preferirmos, de pertencimento. Este princípio explica a intensidade da relação ao território. Ele não pode ser percebido apenas como uma posse ou como uma entidade exterior à sociedade que o habita. É uma parcela da identidade, fonte de uma relação de essência afetiva ou mesmo amorosa ao espaço. (BONNEMAISON *apud* HAESBAERT, 2006, p.72).

Essas questões simbólicas e culturais de identidade são representadas pela expressão “territorialidade”, podendo ser definida como um conjunto de ações planejadas, relacionadas ao simbolismo e as práticas materiais que visam à apropriação do território, ela surge no meio de um planejamento de atores sociais para a apropriação e dominação de um dado espaço. Nessa perspectiva, pode-se identificar o conceito de territorialidade na fala seu Custódio (2011):

Quando nós chegemo no Garrancho já era uma cidade, era maior do que Babaçulândia tinha duas loja de tizados, tinha muita quitanda, tinha mercado de cortar gado, grupo de escola muito, muita gente. De lá até ni Babaçulândia era contaminado de gente, a maior parte das pessoa era do Goiás, depois que foi chegando gente do Ceará, Maranhão e Pioí. De todo lugar tia gente. Tia uma muer que era professora, ainda hoje eu me alembro, ela dava escola pros mininos, era de Terezina, Pioí. (CUSTÓDIO, 2011).

É perceptível que a territorialidade no momento da migração se faz a partir da chegada do migrante ao lugar, quando ele se apropria de um espaço e passa a se relacionar com o não-migrante. Apesar das lembranças do lugar deixado permanecer registradas na memória, parece estar claro que a migração rompe os vínculos, os contatos com as amizadas, parentes e amigos deixados no lugar de origem e começa a reconstruir no novo lugar. Podemos verificar na fala do migrante Custódio: “quando eu cheguei aqui, ela já tinha nascido, tinha dois ano [...]. Nós casemo no dia 28 de julho de 75, ficamo morando lá mesmo na bera do rio, junto do meu pai e da mia mãe querida. Tivemo dez filho, mas só criemo oito, duas fia muer e seis home. Foro criado tudo lá na bera do rio, só depois que se casaro, sairo de lá”. (CUSTÓDIO, 2011).

As relações criadas nesse novo lugar constroem laços afetivos de tal forma, que acarretam na desestruturação de uma família, dando origem outra unidade familiar, segundo Goettert (2008, p.105) o casamento se configura no rompimento de “laços entre mãe, pai, irmãs e irmãos da casada ou do casado e ao mesmo tempo se constitui na formação de novos laços que envolvem famílias distintas” [...], uma vez que, “as mulheres e homens – antes meninas e meninos – passam a constituir novas famílias, que podem permanecer em terra do pai ou do sogro ou enfrentar a primeira partida” (GOETTERT, 2008 p.106).

Naquele momento casar e morar próximo aos pais eram a melhor opção, afinal a primeira coisa que vinha eram os filhos e a mulheres precisariam da ajuda das mães para cuidarem do resguardo (primeiros dias após o parto). Posteriormente o quadro familiar foi mudando, os filhos nasciam, se criavam junto dos pais e após o casamento “ganhavam o mundo” à procura de melhores condições de vida. Portanto:

A família como parte integrante da sociedade em transformação, (nível macro) também deve passar por processo de transformação análoga (nível micro), e as mudanças, nos dois níveis, viabiliza o surgimento de novos modelos (arranjos) de família, distintos dos propalados modelos nacionais. (SILVA; et.al. 2004, p.02).

“Foro criado tudo lá na bera do rio, só depois que se casaro sairo de lá”. (CUSTÓDIO, 2011). Na narrativa de seu Custódio a referência dos filhos em relação ao rio remete a um passado feliz, pois foi ali mesmo que seus filhos nasceram e se criaram. Notemos que os filhos ao casar-se também experimentariam a migração assim como o pai, mas não mais para acompanhar os pais, agora para acompanhar o parceiro (a), ou seja, sua nova família.

1.2 “Lá era bom pra pescar”

O Brasil foi e é um país constituído a partir da mobilidade espacial, por isso, sua história se resume na história de gente desenraizada, cujas mobilidades provocam encontros e

desencontros e resulta nas territorialidades que se formam a partir das interações entre os sujeitos migrantes e não-migrantes.

No entanto, o território constituído é resultado de todas as relações criadas e enraizadas no lugar deixado e no lugar chegado. Essas relações se ligam formando uma teia que a qualquer momento pode ser desfeita e refeita novamente em função da mobilidade, caracterizada pelos processos de desterritorialização e reterritorialização.

É nesta perspectiva de território constituído por meios das relações que se criam no lugar, que procuramos discutir através das narrativas dos ribeirinhos de Babaçulândia, sua saída da beira do rio, enfocando o processo de desterritorialização a partir de sua dimensão simbólica enquanto formação de identidade, que é quando o sujeito migrante se apropria do lugar e constrói seus vínculos e contatos.

O território pode ser compreendido por meio de análises conceituais de vários autores que discutem sobre essa problemática. Buscou-se compreender ao longo do trabalho o território em uso constituído pelas relações culturais, afetiva e o rompimento dessas relações por meio do processo de desterritorialização. De acordo com Raffestin (1993), o território pode ser entendido como “[...] um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder”. Para esse autor “o espaço é a prisão original, o território é a prisão que os homens constroem para si”. (RAFFESTIN *apud* MILLEN, 2007, p.41).

Ainda segundo Raffestin (1993), “o território se apóia no espaço, mas não é o espaço”. Produz-se a partir do espaço em detrimento das relações que se inserem “num campo de poder”. (RAFFESTIN *apud* MILLEN, 2007, p. 41). Dessa forma podemos analisar a apropriação do espaço nesse “campo de forças” que é exercida pelos grupos sociais se tornando fundamental na definição de território. Ainda segundo o mesmo autor “Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente” o ser humano “territorializa o espaço”.

Os entrevistados revelam essa relação de apropriação do território com o valor de uso: “lá no Garrancho era bom pra gente pobre, lá a gente pescava, pegava muito peixe, tinha o coco babaçu pra tirar azeite, [...] eu vivia disso e de roça, nós só cumia peixe esculhido, era bom demais!” Seu Custódio (2011) a lembrar do local onde morava com carinho, de forma que não se trata mais da beleza reconhecida pelo seu avô, quando veio garimpá na região pela primeira vez, mas sim da vida ribeirinha que levava e do privilégio que tinha em poder acordar e vê os raios do sol penetrando nas águas do rio, uma bela paisagem que ficou registrada na memória.

É interessante perceber que o território formado pelos ribeirinhos é aquele que carrega as relações sociais cujo sentido está na identidade e não aquele que se fundamenta no espaço onde ocorrem as relações de poder material. Em “Lá era bom pra pescar”, a relação do ribeirinho com o território se torna uma relação de afeto. Esse referencial identitário é representado pelas redes de relações sociais imateriais, pois não deixa de participar da migração.

Em meio a tantos processos destacamos aqui a desterritorialização, ao qual obedece a uma dinâmica contínua, a mesma está ligada à globalização chamada por Milton Santos de “globalização perversa”; perversidade que se explica no grande crescimento de populações vivendo em condições subumanas à mercê da miséria, excluídas pelo grande capital que comanda as relações sociais, econômicas, religiosas, políticas e culturais.

Contudo, ainda é notório “algumas reações sociopolíticas e culturais contrárias à globalização, que leva a proliferação de redes econômicas e de poder ilegais que o sistema formalmente instituído não consegue controlar ou cooptar totalmente” (HAESBAERT, 2009, 124).

2. A RELAÇÃO DA COMUNIDADE RIBEIRINHA COM O RIO

Viver rodeado de mato sentindo o cheiro das plantas e ouvindo o barulho da bela fauna brasileira não é algo comum entre os brasileiros, uma vez que, a sociedade brasileira prefere viver na cidade rodeada de tecnologias, mas ainda há aquelas pessoas que preferem viver em função da natureza, como é o caso dos ribeirinhos do rio Tocantins.

Sabemos que a identidade individual e coletiva de um povo se forma no e pelo espaço. No caso dos ribeirinhos suas identidades se referiam ao rio. Ao que parece tiveram suas identidades usurpadas em função do capital, aquele que atualmente se sobressai a qualquer forma de poder, mas:

“Amor por tudo aquilo que existe” é muito provavelmente o que deveria estar no centro de nossos processos de territorialização, pela construção de territórios que não fossem simples territórios funcionais de re-produção (exploração) econômica e dominação política, mas efetivamente espaços de apropriação e identificação social, em cuja transformação nos sentíssemos efetivamente identificados e comprometidos [...]. (HAESBAERT, 2006, p. 369).

No entanto, como iremos construir novas identificações, novas territorialidades e “amar tudo o que existe”, num mundo de crescentes e abomináveis desigualdades, exclusão, segregação, violência e insegurança? (HAESBAERT, 2006, p. 369-370). Para construir um território livre de tais poderes dominantes, “é preciso acabar com toda a exploração e indiferença dos homens entre si e dos homens para com a própria natureza” (HAESBAERT, 2006, p. 370). É a desordem no mundo que faz propagar essa exploração e indiferença dos homens.

Ocorre que as contradições geográficas (capitalismo) podem ser identificadas como essa nova desordem mundial, pois atualmente estamos vivendo momentos em que as contradições surgem de modo muito intenso ao qual indica que “determinada estrutura está se dissipando, determinada ordem não está conseguindo reproduzir-se como tal” (HAESBAERT; SALES, 2006a, p.10).

Imaginemos o que é a ordem e a desordem num contexto territorial para os ribeirinhos, a princípio pensaremos na ordem no modo primitivo deles viverem, [...] “lá nós banhava, pescava, servia pra bater roupa, o rio era tudo pra nós. Nós trabalhava de olaria, de roça quebrava o babaçu (risos) lá era vida mansa!”. (CUSTÓDIO, 2011). Na fala do ribeirinho Custódio, a ordem seria aquela vida primitiva, em que tudo estava bem! Morar na beira do rio era tudo para ele, trabalhar de roça, olaria e quebrar coco “era vida mansa”! , mas segundo Haesbaert; Sales (2006a) “determinada ordem não está conseguindo reproduzir-se como tal”.

Ao carregar algumas possibilidades na migração, o migrante está levando sua reterritorialização, onde inclui também “o tipo de relação que ele continua mantendo com o “espaço de partida”, que liga às redes de relações sociais, ou, redes de solidariedade” (MONDARDO, 2009).

É interessante essa relação que o ribeirinho tinha com o rio, pois este servia de abrigo e proteção e ao morar às margens dele, desenvolveram uma estreita relação com o ele, o rio era tudo para eles como já foi falado anteriormente.

Percebem que o texto remete sempre ao passado dos ribeirinhos, mas é isso mesmo! A relação deles com o rio ficou no passado e, portanto na memória. Atualmente só se fala no lugar deixado se referindo ao enchimento do lago, pois esse acontecimento acaba com todas as possibilidades de um dia retornarem à terra natal.

Geralmente, os Projetos de Grande Escala (PGE) são responsáveis por muitos problemas de natureza social, como é o caso da construção da UHE-Usina Hidrelétrica de Estreito, localizada no Maranhão. Esse empreendimento foi impedimento para que muitas famílias continuassem em suas moradias, exemplificando, as famílias ribeirinhas que viviam às margens do Rio Tocantins.

Contudo, em função dessa edificação e por conta dos lugares afetados pela obra, grande parte dos ribeirinhos foram coagidos a deixar suas residências, ficando sem alternativa, ao não ser vender suas terras por um mísero valor e ir embora em busca de um novo lugar para morar. Alguns foram reassentados na cidade de Babaçulândia enquanto outros se deslocaram para cidades distintas

3. REDEFINIÇÕES TERRITORIAIS DA COMUNIDADE RIBEIRINHA NA CIDADE DE BABAÇULÂNDIA-TO

O tempo não passa naquele lugar estranho, em que o som das TVs substituiu o canto dos pássaros, o asfalto substituiu a paisagem do rio, mas que lugar é esse? Ficou curioso? É a cidade. Imaginem morar por décadas e décadas à beira de um rio, onde tudo que lhe rodeia são as paisagens naturais e de repente ter que sair e morar em um lugar configurado por construções urbanas. Os moradores dessa pacata cidade foram contemplados por muitos anos com as atividades e possibilidades que o rio lhes oferecia.

Para Haesbaert (2006, p.78), “o território, de qualquer forma, define-se antes de tudo com referências às relações sociais (ou culturais, em sentido amplo) e ao contexto histórico em que está inserido”. Neste ocorre toda a dialética da vida moderna, cuja função é manipular aqueles que não conseguem acompanhar essa dinâmica que se propaga no mundo capitalista. Estas relações podem ser compreendidas na medida em que atores e agentes sociais se destacam na escala interplanetária, sendo elas estaduais, nacionais e internacionais. Então é no contexto dessas relações que se tem uma formação do território e suas diferentes territorialidades, baseando-se nas diferentes práticas sociais que cria uma dinâmica maior ainda. Segundo Santos (1994),

Numa distinção muito interessante entre território como recurso e território como abrigo, Santos afirma que, enquanto “para os atores hegemônicos o território usado é um recurso, garantia de realização de seus interesses particulares”, para os “atores hegemonzados” trata-se de “um abrigo, buscando constantemente se adaptar ao meio geográfico local, ao mesmo tempo em que recriam estratégias que garantam sua sobrevivência nos lugares” [...]. (SANTOS *apud* HAESBAERT, 2006, p.59).

Analisando a fala de Santos (1994) podemos entender que o território como recurso é o território conceituado numa perspectiva material, ou seja, um espaço onde o objetivo é a “garantia de realização de interesses particulares”, isto é, o uso para fins econômicos. Já o território que serve de abrigo é aquele onde uma determinada sociedade busca apenas se adaptar ao meio, objetivando a sobrevivência nos “lugares”.

3.1 Re-territorialização

É notável a amplitude de impactos que ocorreram na vida dessas pessoas, em função da dinâmica territorial provocada pelo capital. Para Haesbaert (2009, p.33), “A desterritorialização que ocorre em uma escala geográfica geralmente implica uma reterritorialização em outra escala, por isto, a relação entre redes e territórios é permanentemente indissociável”. Esses processos fazem com que o território de origem assuma uma enorme gama de territorialidades, nesse sentido:

Todo grupo se define essencialmente pelas ligações que se estabelecem no tempo, tecendo seus laços de identidade da história e no espaço, apropriando-se de um território (concreto/e ou simbólico), onde se distribui os marcos que orientam suas práticas sociais (HASBAERT, 2009, p. 93).

Os processos territoriais são dialéticos e, portanto mudam constantemente, visto que a sociedade e o espaço são sujeitos integrados nessa teia de relações. Para Hasbaert (2009, p. 87) “é impossível aprender sobre o processo de territorialização da sociedade”, sem que haja um conhecimento a respeito dessa interação sociedade e espaço, pois se trata de um processo complexo, a saber, o espaço “nunca” é modificado por meio dessa interação julgada perfeita, determinada e que aponta para uma “função” impermeável, ou seja, uma interação incapaz de ser destruída. Essa interação entre espaço e sociedade se dá pelo desenraizamento (a desterritorialização) e pelo enraizamento a (reterritorialização).

No novo lugar o migrante às vezes não consegue se adaptar: “eu num tou achando bom aqui não, mas o jeito que tem é achar”. (CUSTÓDIO, 2011), depoimento de um ribeirinho que hoje mora na cidade. Nem sempre a vida urbana é adaptável, principalmente para aqueles que viveram a maior parte de suas vidas na roça.

Nós vivia lá de roça, de vazante, e cumia os pexes do rio, hoje nós tamo vivendo fraco demais! Porque as terras de lá era boa demais! Lá nós plantava vazante, plantava mandioca, plantava de tudo. Aí nós só ficuemo com um pedacinho na beira do lago (rio), num dá pra ser plantado quase nada, nós vamo de barco pra lá, fica do outro lado. Ave Maria! Ficou muito longe depois que começou incher. (JOÃO RODRIGUES, 2011).

João Rodrigues é um ribeirinho que viveu parte de sua vida na beira do rio até a sua saída “forçada” rumo à cidade, e ao ver sua terra coberta por água, ele reclama da distância que ficou para atravessar o rio e ir de encontro à parte da terra que sobreviveu ao alagamento. Para ele a vida na cidade não lhe dá condições de sobrevivência, pois da roça tirava o seu sustento, o “pedacinho” de terra que lhe restou não é agriculturável e também ficou muito longe da nova moradia.

Atualmente esses ribeirinhos enfrentam problemas sócio-culturais, econômicos e ambientais, associados à construção da UHE, que está localizada no Rio Tocantins, na divisa dos Estados do Maranhão e Tocantins. Essa edificação vem contribuindo com a modificação do modo de vida deles e conseqüentemente a perda de sua identidade local.

Analisando o processo de desterritorialização e reterritorialização dos ribeirinhos, pode-se constatar que para estes o rio era uma realidade e hoje se tornou algo muito além de suas expectativas, tornando-se um sonho não alcançável, pois agora “o rio é dos capitalistas”. O rio refere-se à moradia e a sobrevivência dos ribeirinhos, que antes de serem desterritorializados viviam num ambiente totalmente natural, tirava da natureza apenas o que lhes era necessário à sua sobrevivência. Sua saída deste lugar provocou a destruição de tudo que fora construído e que por muito tempo esteve enraizado no lugar.

Há mais de um ano esses ribeirinhos foram “arrancados” de suas terras e colocados em locais considerados de risco com a promessa de uma indenização que compensasse a perda material, pois as perdas imateriais, estas jamais serão compensadas, em função disso alguns moradores tentaram resistir à saída, mas não tiveram muito sucesso. “A orde era aquela e era aquela mermo”. (JOÃO RODRIGUES, 2011). O mesmo relata que quando todos os residentes do povoado Garrancho (Palmatuba) tiveram conhecimento da construção da usina hidrelétrica e que teriam que deixar o local onde moravam há tantos anos, se desesperaram e alguns vieram a óbito, devido ao impacto da notícia. “Morrero muita gente depois que subero dessa notícia”.

Embora tenham sido indenizados pela empresa CESTE (Consórcio Estreito Energia), não houve satisfação por parte das comunidades, pois além das indenizações não corresponderem ao exato valor das suas terras, também houve perdas emocionais, as quais nunca serão ressarcidas.

Uma das perdas foi o cemitério local, os corpos lá enterrados foram removidos e depositados em outro lugar, onde os parentes dificilmente terão acesso, além do deslocamento do cemitério os valores das terras também tiveram grande repercussão entre os moradores, sendo que as indenizações referentes às terras não foram pagas de acordo com as promessas, os vocábulos que descrevem essa afirmação estão inclusas nos seguintes pronunciamentos de seu João Rodrigues (2011):

Lá no Garrancho nós tinha um lote grande e a casa. O diero que recebemos num dá nem pra comprar uma casa na cidade. Pra nós mermo pagaram só a metade das terras, arrumaro um documento falso com o nome de outra pessoa e tomaro parte de nossa terra e pagaro a indenização pra outro cara lá. Quem tinha um estuduzin foi menos inrolado, agora quem era analfabeto mermo, esses tiveram prejuízo maior porque num itidia das coisas. Ele fazia a proposta pra gente sair com um dinheiro se a gente não aceitasse, quando eles voltava era ameaçando e a proposta da indenização menor. Negociava um valor quando chegava o cheque era outro valor bem pequeno do que o negociado. Assim ele tava pagando 44 hectare sendo que era 75, aí eu falei pro cara assim:- rapaz eu vou fazer o que com esse documento? Porque minha terra tá toda documentada e demarcada, pago meu imposto tudim. Aí veio um

advogado veio da cara de “pau” e falou assim, pra diminuir a despeza passar o documento da terra toda aí e eu falei pra ele assim: - num tem home no mundo que faça eu passar esse documento desse jeito, eu só vou passar pra vocês se me pagar, tem que pagar o que tá no documento, eles até falaram que se eu num aceitasse a proposta que eles tava fazendo ia mandar a puliça pra invadir, aí eu disse:- pois pode mandar lá pra casa porque é lá que eles vão me achar, de lá eu num saio não, só saio quando me pagar. (JOÃO RODRIGUES, 2011).

Segundo seu João Rodrigues (2011), aquelas pessoas que não tinham conhecimento dos seus direitos acabavam sendo enganados, tanto pela empresa CESTE quanto pela prefeitura que levou a maior parte das indenizações que seriam destinadas aos ribeirinhos. Era muita pressão por parte do poder público e do privado revela o entrevistado.

Após o deslocamento das populações ribeirinhas, a situação social se tornou uma das questões mais preocupantes, pois a sobrevivência dos mesmos se restringia ao rio como a pescaria, as plantações de vazantes, a lavagem de roupa e várias outras atividades realizadas no rio. E agora como vão sobreviver sem o rio? São questões que ficaram no passado ribeirinho, pois o que de concreto existe é o presente representado pela nova moradia, o modo de vida e sua sobrevivência em um lugar totalmente distinto do anterior, a cidade. Ao contrário da paisagem do rio, a da cidade é marcada por construções urbanas, e a imagem refletida que eles presenciam ao acordar é a “escuridão” do asfalto na frente de suas casas.

Para a resolução dos problemas sociais envolvendo as comunidades ribeirinhas que tiravam nas plantações de vazante maior parte do sustento da família, a empresa CESTE elaborou programas que visam à reestruturação do cotidiano ribeirinho. Um desses programas foi o Programa de Apoio a Comunidade Lindeira e a Produção Familiar de Subsistência, onde o objetivo principal era apoiar as comunidades que permaneceram lindeiras, pois sua produção de subsistência desapareceu com o alagamento das áreas onde era cultivada a produção de vazante. (PBA, 2005,). Esse programa foi elaborado antes das desapropriações e até hoje não se tem um apoio igual ao que se tem no papel, pois ainda existem pessoas que deveriam ter recebido esse apoio, vivendo em situações de risco e sem nenhuma perspectiva de vida, ou seja, algumas famílias foram reassentadas bem próximas do rio, mas, pelo que consta elas estão correndo o mesmo perigo de antes, isto é, a água está se aproximando dos locais onde foram reassentados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão envolvendo território e migração está presente em várias vertentes do pensamento geográfico, variando desde o território conceitual até a concepção de território, como um instrumento de poder frente às manifestações simbólicas e culturais de identificação. Para esta abordagem procurou-se estudar o território por meio dos processos migratórios, sendo estes indissociáveis dos processos de des-territorialização e re-territorialização, ações apanhadas pelas comunidades ribeirinhas atingidas pela UHE-Usina Hidrelétrica de Estreito-Ma. Neste aspecto analisou-se a trajetória do migrante ribeirinho buscando compreender o fazer-se e refazer-se no/e pelo espaço, compreendendo a realidade a qual estão inseridos.

A relação do ribeirinho com rio se constitui numa relação afetiva, contribuindo assim para a formação de sua identidade territorial, tendo o rio como referência identitária, pois era no rio que o ribeirinho realizava suas atividades e tirava dali parte do seu sustento.

Analisando as redefinições territoriais dos ribeirinhos na cidade de Babaçulândia, na comunidade Vila dos Alagados, pudemos compreender melhor as mudanças ocorridas no cotidiano ribeirinho referente à perda da referência do rio enquanto moradia, lazer, fonte de alimento, dentre outras atividades. Estas que não foram levadas em consideração no momento da migração circunstancial, impulsionada pela empresa CESTE.

Diante do exposto identificou-se que a saída do ribeirinho das margens do rio Tocantins, fomentou um desafio a sua nova realidade que é morar na zona urbana, nesse sentido a vida ribeirinha na cidade representa uma nova adaptação, o que para estes não está sendo fácil, pois a cidade não oferece condições de vida para a sua sobrevivência.

REFERÊNCIAS

- ARBVÉS, M.P. A Migração e a construção de uma nova identidade Regional: Gurupi (1958-1988). IN: GIRALDIN, O. (Org.). **A Transformação histórica do Tocantins**. 2. ed. Goiânia: 2004.
- BEIRO Douglas. **Paisagens de migrantes rural-urbanos e memória**. Rio Claro IGCE/UNESP, [20-]. Disponível em [W.W.W.prec. Unicamp. br/memoria/.../Douglas%Beiro20-%20completo.pdf](http://www.www.prec.unicamp.br/memoria/.../Douglas%Beiro20-%20completo.pdf)- Acesso em 20 Mar.2011.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: Lembranças de velhos. São Paulo: T. A. Queiroz; Ed. USP, 1987.
- CHAVES, Patrícia Rocha. **As relações sócio-territoriais na construção da usina hidrelétrica de Estreito e a reprodução do espaço urbano nas cidades de Carolina-MA e Filadélfia-TO**. 2009. 198p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Agropecuário) Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2009. Disponível em WWW.uft.edu.br/pgdra/patricia_rocha_chaves_2009.pdf.
- CNEC Engenharia S.A. **Programa Básico Ambiental da Usina Hidrelétrica de Estreito**. São Paulo: 2005
- GOETTERT, Jones Dari. "Ai, ai, ai...": ressentimentos de um filho longe do pai. **Simpósio Internacional Processo Civilizador**: Campinas, 2007. www.uel.br/grupo-estudo/.../anais10/.../Jones_Dari_Goettert.pdf Acesso em 09/04/2011.
- _____. **O espaço e o vento**: olhares da migração gaúcha para Mato Grosso de quem partiu e de quem ficou. Dourados: UFGD, 2008. www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/.../6421 Acesso em 25 de Abr. 2011.
- HAESBAERT, Rogério. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**. Porto Alegre- RS, 2004. Disponível em WWW.uff.br/.../sites/default/.../CONFERENCE_Rogério_HAESBAERT.pdf Acesso em 21 de Abr. 2011.
- _____. **Territórios alternativos**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2009.
- _____. **O Mito da Desterritorialização**: do "Fim dos Territórios" à Multiterritorialidade. 2. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- _____. In. PORTO-SALES, Carlos Valter. **A nova des-ordem mundial**. São Paulo: UNESP, 2006.
- MARINUCCI, Roberto; MILESI, Rosita. . **O fenômeno migratório no Brasil**. Instituto Migrações e Direitos Humanos e Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios. Brasília-DF, 2002. Disponível em www.migrante.org.br/ofenomenomigratorioparaobrasil.doc Acesso em 20/03/2011.
- MILLEN, Millene. **Flanelinhas no Espaço Urbano**: um estudo sobre a inserção de jovens no mercado informal de trabalho em Juiz de Fora. Dissertação (Mestrado em educação). Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2007. 114f. Disponível em www.ufjf.br/ppge/files/2009/07/dissertacaomillene.pdf Acesso em 05/05/2011.
- MONDARDO, Marcos Leandro. Raízes na migração: des-territorialização e redes sociais. **Universidade Federal da Grande Dourados**. Dourados, 2009. Disponível em www.bocc.ubi.pt Acesso em 20 do Fev. 2011.
- SAQUET, Marcos Aurélio, MONDARDO, Marcos Leandro. A construção de territórios na migração por meio de redes de relações sociais. Rev. Ano 11, nº. 13. Presidente Prudente: Revista **NERA**, Jul-Dez/2008 Disponível em www4.fct.unesp.br/nera/revistas/...11_saquet_e_mondardo_13.pdf.
- SILVA, Helenice Carvalho Cruz da; et.al. **Família Mineira no final do século xx**: estruturação ainda em processo. Belo Horizonte: CEDEPLAR/UFMG, 2004. Disponível em www.cedeplar.ufmg.br/diamantina2004/textos/D04A051.PDF Acesso em 20/04/2011.